

REVISTA DA

# AN PE GE

ISSN 1679-768X

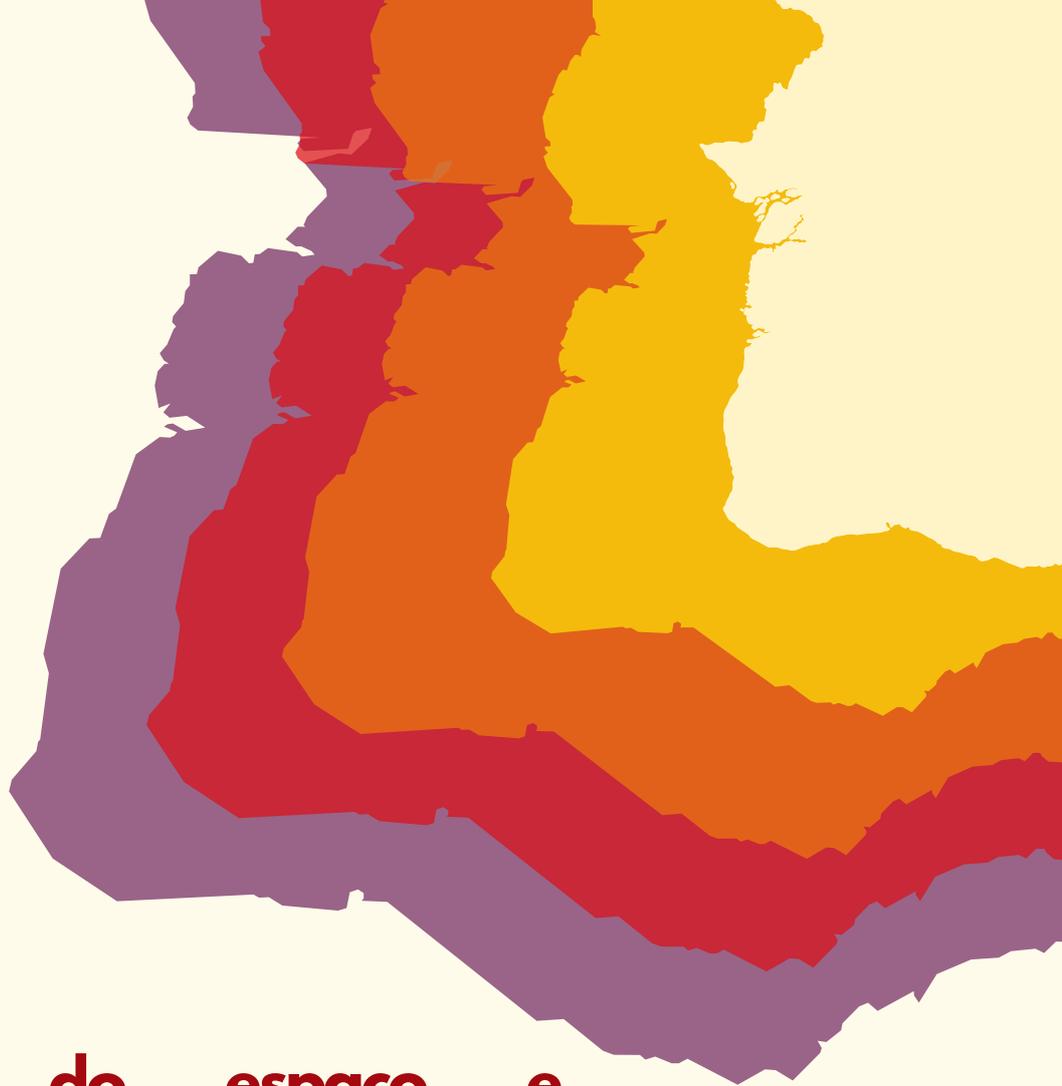
a

ANPEGE

---

Associação Nacional  
de Pós-graduação e  
Pesquisa em Geografia

REVISTA DA  
**AN  
PE  
GE**



**A produção do espaço e  
comunicação popular em Curitiba-  
PR: o caso da rádio comunitária do  
Bairro Novo**

*The production of space and popular communication in Curitiba-PR: the  
case of Bairro Novo community radio*

*La producción del espacio y la comunicación popular en Curitiba-PR: el  
caso de la radio comunitaria Bairro Novo*

DOI: 10.5418/ra2024.v20i41.11372

**ADILAR ANTONIO CIGOLINI**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

**ANDRÉ SOUZA FEDEL**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

**V.20 n°41 (2024)**

e-issn : 1679-768X

**RESUMO:** Só recentemente a geografia têm se voltado para o estudo das comunicações e suas relações com a produção do espaço geográfico, em múltiplas escalas. O trabalho ora apresentado parte de uma escala muito particular: o olhar geográfico sobre o fenômeno da comunicação popular, com base num estudo de caso, a rádio comunitária do bairro Novo, em Curitiba-PR. A questão central é compreender a relação entre a produção do espaço e a comunicação popular e livre. A problemática e a forma de abordagem exigiu que fossem adotadas alguns procedimentos metodológicos específicos, como a observação participante e a pesquisa ação. Os resultados apontam que a produção do espaço, via rádio comunitária, é inerente a outras pautas locais, como a questão da moradia e das ocupações, ou seja, esse tipo de comunicação tem um histórico vinculado ao movimento popular, sua organização e pautas que giram em torno da vida cotidiana do bairro.

**Palavras-chave:** comunicação popular; produção do espaço; rádio comunitária; bairro novo.

**ABSTRACT:** Only recently has geography turned to the study of communications and their relationship with the production of geographic space at multiple scales. The present study utilized a very particular scale: the geographical perspective regarding the phenomenon of popular communication, based on a case study, the community radio of Bairro Novo, in Curitiba-PR, Brazil. The central issue comprehended understanding the relationship between the production of space and popular and free communication. The problem and approach required the adoption of some specific methodological procedures, such as participant observation and research-action. The obtained results show that the production of space, via community radio, is inherent to other local agendas, including housing and occupations, *i.e.*, this type of communication has a history linked to the popular movement, its organization, and agendas that revolve around the daily life of the neighborhood.

**Keywords:** popular communication; space production; community radio; bairro novo.



**RESUMEN:** Hace poco que la geografía se ha vuelto hacia el estudio de las comunicaciones y sus relaciones con la producción del espacio geográfico, en múltiples escalas. El trabajo ahora presentado empieza desde una escala muy particular: la visión geográfica del fenómeno de la comunicación popular, basada en un estudio de caso, la radio comunitaria en el Barrio Nuevo, ubicado en Curitiba, Paraná, Brasil. La pregunta central es comprender la relación entre la producción del espacio y la comunicación popular y libre. El problema y el enfoque exigieron la adopción de algunos procedimientos específicos de metodología, como la observación participante y la pesquisa en acción. Los resultados señalan que la producción del espacio por medio de la radio comunitaria es inherente a otras agendas locales, como el tema de la vivienda y las ocupaciones, o sea, este tipo de comunicación tiene una historia vinculada al movimiento popular, su organización y las agendas que giran en torno a la vida cotidiana del barrio.

**Palabras clave:** comunicación popular; producción espacial; radio comunitaria; nuevo barrio.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*¿Com fue que el sistema nos convenció de que las máquinas resuelven la comunicación? ¿Cuándo dejamos de dialogar com los otros y las otras y nos volteamos a los transistores, las pantallas y los cables? (CML, 2013. p.11)*

Com a epígrafe que traz a problemática da relação do ser humano com a técnica, em especial as técnicas de comunicação no período atual da globalização, pode-se compreender que tal período é marcado por duas questões que o senso comum acredita ser um grande avanço. A primeira, que as máquinas (técnicas) ou os meios de comunicação estão fazendo nossa comunicação. A segunda, que temos muitas informações circulando e que isso auxilia o desenvolvimento das relações humanas e, conseqüentemente, pode-se acreditar que há maior quantidade de diálogos na sociedade.

Tais afirmações caracterizam-se como inverdades, pois demonstram somente a face dos grandes agentes produtores de informações e o alto grau de desenvolvimento industrial que o setor da comunicação e informação teve ao longo do último século. O desenvolvimento das técnicas foi acompanhado e orientado pelo desenvolvimento desigual do território e da própria sociedade, e pode-se observar que a grande quantidade de informações parte de poucos agentes, e que tais informações não provêm da comunicação e interação., mas sim do que é veiculado pela mídia, focada majoritariamente em notícias e acontecimentos de um determinado espaço econômico e político, formas de entretenimento, publicidade, propaganda, ou seja, a comunicação enquanto um modelo de sociabilidade vinculada à mercadoria.

A história do uso do território brasileiro demonstra a maneira que os meios de comunicação se desenvolveram ao longo do tempo e do espaço, por investimentos estatais centralizados em poucas empresas e espacialmente concentrados. Com isso, se pode compreender as características da modernização conservadora e quais as reais estratégias de aceleração dessa característica, marcadas pela alienação e a seletividade como componentes importantes na produção do espaço geográfico (SANTOS, 1998).

Neste contexto de ascensão e consolidação da comunicação de massas ou de amplo alcance, impulsionada pelo desenvolvimento industrial com grande referência no período do regime militar, surge também no interior dos movimentos populares e sociais, um processo de educação popular orientado na comunicação. As experiências da chamada comunicação popular, alternativa ou comunitária foram responsáveis por propor ações de contraponto ao sistema econômico e político, visibilizar outras escalas geográficas da ação humana na produção do espaço -atuando nos lugares que estão inseridos -, problematizar a cultura do silêncio nas classes populares e, por fim, construir outra forma de comunicação.

Há pouco tempo a geografia vem contribuindo com estudos sobre os meios de comunicação e suas relações com a produção do espaço geográfico. Acredita-se que o olhar geográfico sobre o fenômeno da comunicação popular tem contribuições, e assim, deixa-se claro que, tanto a concepção geográfica sobre os processos contemporâneos de produção e transformação do espaço, quanto uma concepção da comunicação e suas bases teóricas e políticas possuem diálogos, naturezas, métodos e finalidades. Estes, podem ser organizados em torno de inúmeros questionamentos com objetivos comuns de abrir um caminho de pesquisa e reflexão. Com isso, concordamos com Gomes (2009) que trabalhos como este que ora apresentamos, não devem ser evitados e, da mesma maneira, com o que Milton Santos (1986) discorreu, enquanto o temor da invasão de campo de outros especialistas e das vantagens da interdisciplinaridade. A pesquisa ora apresentada tem como questão central compreender a relação entre a produção do espaço e a comunicação popular e livre em Curitiba/PR, pela análise do processo de constituição da comunicação popular, na Rádio Comunitária Bairro Novo. A produção do espaço, pela comunicação popular e livre, a que nos referimos pode ser compreendida como táticas. Isso porque, como Certeau (1998) coloca, elas não visam obedecer a lei, no entanto, elas intervêm e criam condições de relações com as estratégias tecnocráticas, majoritariamente provenientes de corporações e do Estado. Para o autor a tática está sempre visando atingir o outro, ela opera ação por ação.

Para Souza (2013), uma maneira de valorizar os agentes sociais e as relações que eles mantêm entre si está na construção cotidiana de práticas espaciais, a prática espacial enquanto não seria

“[...] totalmente independente do espaço social, por outro lado é preciso admitir que muitas das ações humanas se mostram como sendo dependentes da dimensão espacial da sociedade de um modo indireto, fraco, sem grande complexidade”. (p.246).

Para o autor existem práticas sociais densas de espacialidade e elas podem ser variadas, no entanto, no percurso da história elas têm servidos ora a dominação, manutenção das hierarquias e o estabelecimento de leis e normas que regulam a vida de um grupo ou de uma sociedade, ora a emancipação à autodeterminação e ao autogoverno. Para o autor, simplificando, as práticas espaciais estão a serviço ora a heteronomia, ora a autonomia.

Serpa (2011), a respeito das rádios comunitárias e livres, questiona que se estas práticas espaciais partem de um lugar e constituem um enredo, “[...] Quem conta, afinal, os enredos dos diferentes lugares nas metrópoles capitalistas?” (p.23). Sua conclusão é a de que há uma convivência entre uma competição de lugares influenciados pela lógica da cidade, e, iniciativas de apropriação de meios de comunicação que fabricam a partir de discursos e práticas, lugares do possível, em direção ao direito à cidade e a um planejamento urbano alternativo.

Como método de interpretação da realidade, nosso trabalho parte do princípio que a sociedade ao produzir práticas produz espaço e trajetórias espaciais que os sujeitos, suas organizações e seus lugares de fala e de ação relacionam-se com (e para) a produção das escalas geográficas, sejam elas as escalas onde o conflito e o exercício do poder são mais visíveis, como também as escalas onde a solidariedade e a construção da comunicação popular se tornam visíveis, produzindo uma diferenciação espacial.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Como procedimentos metodológicos, o trabalho apoiou-se na análise bibliográfica, mas, sobretudo, desenvolveu-se em trabalhos de campo e na pesquisa participante. Com esses procedimentos elucidou-se elementos constituintes da Rádio Comunitária Bairro Novo e sua produção espacial, sua relação com o histórico do movimento popular de moradia na região sul de Curitiba, sua organização em torno do bairro, as repercussões espaciais da cultura promovida e circulada e as atuais dificuldades e contradições de se realizar comunicação.

Concordamos com Fals Borda (1981), que a ciência necessita de proximidade com o saber popular, objetivando a reflexão constante sobre as aspirações de conhecer e agir dos segmentos da população. Na pesquisa participante e na pesquisa ação, é nítida a existência de dois grandes campos de enfoque desta abordagem de pesquisa. Um do campo educacional, onde busca reagir contra o positivismo pedagógico, contra as formas tradicionais de entender e fazer educação, e o outro, seria o campo sociológico, reagindo aos paradigmas dominantes de interpretação da realidade social (GAJARDO, 1986). Concordamos com ambos os enfoques e observamos a coexistência de visões metodológicas na pesquisa participante que foram geradas a partir da “[...] iniciativa da Igreja, grupos de orientação cristã e organismos não governamentais de pesquisa e desenvolvimento educacional” como também as práticas de pesquisa que se dão como “[...] componentes de políticas esboçadas e

executadas pelas organizações populares, frentes políticas e movimentos sociais em geral” (ibidem, p. 51).

A pesquisa participante parte de uma modalidade de conhecimento produzido de maneira menos centralizada sobre o mundo e das condições de vida de pessoas, grupos, e classes populares. Conhecimento esse que recria, de dentro para fora um embrião “[...] de direito e do poder para pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si próprios.” (BRANDÃO, 1981. p. 09-10).

Com o início de uma jornada de trabalho como Educador, no CEFURIA - Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo<sup>1</sup>, no ano de 2015, e pelo seu intermédio obteve-se a possibilidade de estar mais próximo dos movimentos populares e de experiências de comunicação realizadas nas periferias da cidade de Curitiba, como a Rádio Bairro Novo, a qual iremos apresentar neste trabalho. A partir dessas possibilidades, num primeiro momento adotando da observação participante, enquanto pesquisador-educador, realizou-se entrevistas, auxiliando em articulações e contribuindo nas discussões quando possível. Depois, como educador-pesquisador, adotando técnicas da pesquisa-ação, na construção conjunta de cursos, oficinas e rodas de conversa a respeito de assuntos pertinentes à comunicação popular, realizados em Curitiba<sup>2</sup>. Aqui a espiral característica da pesquisa ação, constituída pela intenção/planejamento, seguida da ação, e analisada pela crítica ou revisão, ao que Dick (2003) menciona, trouxe subsídios aos caminhos realizados na pesquisa. A opção metodológica pela pesquisa participante e pesquisa ação se deu principalmente na intenção de visibilizar os movimentos nos/dos espaços que o pesquisador observou, participou e contribuiu de maneira singela. Estes dois procedimentos estão apresentados no texto conjuntamente, no entanto as entrevistas e conversações com os sujeitos caracterizaram parte da pesquisa participante, enquanto nossas intenções de aproximar outros sujeitos, compreender junto com eles o histórico e as relações construídas no espaço, caracterizaram parte da pesquisa-ação. A medida que conseguia-se construir noções comuns (pesquisa participante) intencionalizou-se uma prática (pesquisa-ação). Tal opção condiz com as escolhas teóricas para leitura do fenômeno estudado, dais quais se apresenta a seguir.

A partir das observações em coletivo, dos diálogos, das provocações e das atividades realizadas durante esse período, foi possível perceber variações da comunicação popular. Primeiro, a comunicação popular produzida no âmbito do movimento popular, enquanto um encontro dos sujeitos

---

<sup>1</sup> O CEFURIA é um Centro de Formação em Educação popular, localizado em Curitiba e fundado em 1981, que possui uma longa história de experiências de comunicação popular e alternativa, além de trabalhos na perspectiva da educação popular e economia solidária referenciados principalmente na região sul da cidade de Curitiba e municípios da região metropolitana. <http://www.cefuria.org.br/>.

<sup>2</sup> Algumas destas atividades, por exemplo, foi a realização do 3º Curso de Comunicação Popular do Paraná, realizado em Agosto de 2015. Esta foi uma iniciativa de um conjunto de sindicatos, organizações populares, movimentos sociais e universidades públicas do estado que teve como objetivo além de debates políticos e técnicos, oficinas e práticas de comunicação popular, alternativa e comunitária, também a sistematização e relatos de experiências. <https://comunicacaopopularpr.redelivre.org.br/>

que proporciona a valorização de seus saberes, a partilha das dificuldades e possibilidades, e potencializa a organização de atividades e mobilizações coletivas. Segundo, a comunicação popular produzida no âmbito de uma rádio comunitária, enquanto um meio de comunicação de fácil acesso à população, proporcionando a circulação da produção cultural e do comércio do bairro.

Estas variações, dizem respeito aos sujeitos que dela fazem parte, traz à tona questões sobre suas sociabilidades, suas práticas e suas trajetórias espaciais, ou seja, dizem sobre uma determinada produção de lugares e de espaços.

Sobre essas iniciativas, que “[...] reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido, vulgares, mas que criam laços profundos de identidade entre habitante - habitante, e habitante – lugar” (CARLOS, 2007. p.44) consideramos que a comunicação, a mediação espacial entre os sujeitos vão criando sentido aos lugares, daí o seu uso político.

Assim, ao apresentar nosso estudo de caso em Curitiba acerca da associação de radiodifusão comunitária Bairro Novo procurou-se apresentar um pano de fundo histórico de outros contextos e escalas espaciais que envolvem os estudos, conjuntamente com trajetórias espaciais de sujeitos envolvidos e as práticas espaciais que estão engendradas nestes processos e articuladas com práticas e definições de outras escalas. Por conseguinte, visualizam-se escalas geográficas produzidas ou reproduzidas por estes sujeitos e como este olhar privilegia a compreensão dessa outra comunicação que é produzida e circulada no espaço urbano.

## **1 CURITIBA E O CIRCUITO FM: A GESTÃO CORPORATIVA DO TERRITÓRIO, ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO DE MASSAS**

Em sua maioria, o circuito de rádios de Curitiba estão concentradas em bairros do centro e arredores, na porção norte do município, mais especificamente nos bairros Pilarzinho, Centro, Mercês, Jardim Social, Cristo Rei, São Francisco e Vista Alegre.

Todas as emissoras têm uma relação entre seus fixos (torre de transmissão e estúdios) e seus conteúdos difundidos. O sistema técnico concebe que, cada frequência, seja preenchida pela emissora através do aparato técnico (transmissor e sua potência), seja recebido em determinadas parcelas do território, a partir de uma localidade.

De acordo com o levantamento encontrou-se destas 19 rádios, 15 rádios com concessões comerciais, três com concessões educativas e uma com concessão comunitária. Remetendo-se a legislação que prevê disponibilidade de espaço na mídia para a comunicação público-estatal e a pública não estatal, há uma clara disparidade em relação a comunicação comercial. A questão da potência em relação a abrangência é outra disparidade entre as rádios de tipo comercial e as demais. Tal disparidade segundo a ANATEL tem suas bases na legislação para as emissoras comerciais que possuem 10 classes de potências e distâncias. Além desta diferenciação entre classes de potência o estabelecimento de redes e retransmissoras é autorizado, assim ampliando o alcance destas. Ao

visualizar o gênero de cada emissora é perceptível a importância na questão musical e informacional. Neste ponto a empresa *Crowley Broadcast Analys*, de consultoria no setor de rádio, realiza pesquisas de mercado e abastece as emissoras e redes de emissoras que procuram aumentar seu público ouvinte.

Segundo Alves (2008), a segmentação, as paradas de sucesso e os critérios de mercado estabelecidos sobre o gênero musical têm a ver com o mercado conquistado pela empresa, que

“[...] fornece um repertório mediante contratos de execução e, desse modo, pode fazer “estourar” este ou aquele “sucesso”, uma vez que a empresa tem acesso aos lançamentos musicais das principais gravadoras do país e conteúdo jornalístico. Ao que parece a empresa direcionaria as paradas induzindo-as e registrando o próprio resultado dessa indução. A empresa disponibiliza o “hot list diário e semanal”. Este relatório mostra quantas execuções cada música teve em cada rádio, com a classificação decrescente relativa ao total geral de execuções da praça para o dia ou semana”. (p.77).

A Crowley, empresa transnacional, com influência em mais de 29 regiões brasileiras, atua em Curitiba com 17 emissoras do Circuito FM e AM, oferecendo informação atualizada e um relatório das paradas de sucesso:

Quanto aos grupos proprietários das emissoras, é nítido que estas afiliadas, na cidade de Curitiba, são mais uma em uma rede multilocalizada, desempenhando um papel de organização espacial, podendo exercer determinado controle sobre amplo e diferenciado território.

Assim sendo, optou-se em caracterizar minimamente o circuito a fim de demonstrar as diferenças de público, segmento consumidor, e eventos espaciais promovidos e suas relações. Não nos aprofundamos nas relações entre o circuito promovido pelas rádios comerciais e seus demais circuitos sonoros, como fez Alves (2008), mas sim na caracterização de sua programação. Mais adiante nos aprofundaremos na composição interna de uma rádio comunitária, sua história, seus sujeitos e suas práticas espaciais de comunicação.

Como Alves (2008) apontou, o circuito se estabelece entre a cooperação e a competição, motivada principalmente pela questão econômica que mantém as corporações de comunicação. Com base na teoria dos circuitos da economia (SANTOS, 1979) no espaço urbano há o denominado circuito superior composto por agências internacionais de notícias, empresas de administração de redes nacionais de rádios, estúdios fonográficos de alto padrão, selos internacionais e músicos reconhecidos nacional e internacionalmente. E o circuito inferior, composto por rádios livres e comunitárias, artistas e shows independentes, estúdios caseiros, produtores locais e jornalistas de bairro. Para Alves (2008), a convivência entre os dois circuitos cria um circuito do “repertório médio” e um elo através da propaganda. Para o autor

A adoção do repertório médio implica a vinculação de músicas “estouradas nas paradas” com o predomínio da prática do jabá, o que entre outros, dificulta a inserção de artistas locais, ainda que reproduzam o repertório padrão de um determinado segmento. (ALVES, 2008. p.76)

A abertura para a produção local no circuito FM de Curitiba é quase nula. Nota-se poucas rádios, com exceção a Educativa e a Rádio Bairro Novo. Tal situação soma-se as rádios que hoje centram sua programação e eventos para o público jovem, provenientes de cadeias nacionais ou regionais de artistas e músicos, utilizando de um grande leque de ferramentas publicitárias para atingir o público. Também é visível a intenção de grupos econômicos em ter propriedade em emissoras que focam suas transmissões em informações noticiosas (CBN e Band News), fortalecendo a formação dos oligopólios e sua relação com agências de informação nacionais e internacionais. Uma característica geral não só de Curitiba, mas no Brasil, é o crescimento de grupos religiosos adquirindo e construindo emissoras, com sentido quase exclusivo, da promoção destas identidades. O circuito por assim dizer, não opera com uma ruptura entre o circuito inferior e circuito superior, no entanto ele não é linear e vai produzindo ao longo do espaço e do tempo desigualdades e diferenças.

A gestão corporativa do território como colocada por Corrêa (1992), é a face dessas desigualdades políticas e econômicas. Realizada através de práticas espaciais de grupos e empresas, a gestão do território na cidade de Curitiba pelo circuito FM é fundamentalmente construída através da difusão de um repertório de músicas e informações, que em sua maioria são formatados em rede em uma escala mais ampla (regional ou nacional) e que dinamizam eventos e conformam segmentos de públicos consumidores dos produtos materiais e imateriais. Essa gestão do território pode ser concebida como “[...] práticas que visam, no plano imediato, ao controle da organização espacial” (CORRÊA, 1992. p.115). Ela aqui nesta análise opera na segmentação do público e na seletividade de suas ações, produzindo o espaço urbano.

Desta caracterização, a Rádio Bairro Novo, localizada na porção sul de Curitiba é a única atualmente com a concessão de Rádio Comunitária e que realiza suas transmissões. Desse modo, procurando refletir sobre a história, sobre as práticas espaciais e as trajetórias de seus sujeitos integrantes, fez-se muito importante compreender a maneira que é produzida a comunicação e qual sua relação com as escalas geográficas presentes em seu cotidiano.

## **2 BAIRRO NOVO: RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA E A COMUNICAÇÃO POPULAR**

Há uma divisão técnica e territorial do trabalho (SANTOS, 2006) que envolve o circuito FM de Curitiba. Se, por um lado, com o circuito FM comercial encontramos os estúdios e antenas condensados na área de maior altitude e de presença da classe média e alta da cidade, por outro, ao buscar as rádios comunitárias, encontra-se trabalhos acadêmicos, memórias de extintas rádios, relatos de antigos locutores e apenas um estúdio e sua pequena antena, na extremidade da porção sul em pleno funcionamento. Apesar de alguns locutores da Rádio Comunitária do Bairro Novo (Nova FM) já relatarem breves passagens em outras (até extintas) rádios comerciais e rádios comunitárias, nota-se grandes diferenças e semelhanças no cotidiano da realização desta comunicação.

Ao dar seguimento a pesquisa e procurando um fio condutor da interpretação que não invisibilize os movimentos e as trajetórias espaciais e assim construir o fenômeno estudado em sua plenitude, procurou-se trabalhos acadêmicos, livros, relatos e sujeitos portadores de histórias sobre a constituição da Associação de Radiodifusão Comunitária Bairro Novo. Nos apoiamos ao que Souza (2013) que distinguiu três critérios para melhor abordar a noção de bairros. Eles seriam, o conteúdo composicional, o conteúdo internacional e o simbólico. Para o autor eles auxiliam na identificação de “[...] características distintivas do bairro, entre a objetividade e a (inter)subjetividade” (p.152). Em nossas entradas em campo, para o Bairro Novo e a Rádio Comunitária construiu-se uma interpretação de uma relação escalar. Perceberam-se as diferenças e as multiplicidades dos sujeitos que produzem o lugar da rádio em relação ao espaço da vizinhança, do bairro e da região sul da cidade.

A rádio que teve sua origem em 2008 e, atualmente, é composta por oito locutores e uma locutora, todos com programação fixa, um jornalista de bairro, parcerias com pequenas casas de shows, atividades de publicidade e articulação com o comércio da vizinhança, além de promover trabalhadores do bairro com recados a todo o momento. Ocasionalmente ela recebe a visita de vereadores, funcionários da prefeitura e também divulga propagandas institucionais da municipalidade, com alertas sobre saúde, informes da rede de educação, entre outros pontos. A relação que construiu-se com todos os sujeitos entrevistados, se desenvolveu após o convite e a participação de alguns em um dos cursos de comunicação que aconteceram durante o período.

Alguns dos radialistas, que também são moradores dos bairros próximos, comentaram sobre a história da rádio, como é seu funcionamento e o histórico do bairro. “Antes, aqui era um terreno vazio e logo que a Cidade cresceu para esses lados, Pinheirinho [...] a prefeitura criou um projeto habitacional” (Entrevista com L. S., outubro de 2015). Para outro “[...] foi o povo das ocupações, o movimento de ocupação dos terrenos” e “logo em seguida quando os lotes das casas saíram foi constituída a associação de moradores do Bairro Novo e Sítio Cercado, que faço parte” (Entrevista Com G., novembro de 2015). G., um dos diretores e fundadores da Rádio ainda comenta mais um pouco “Era a época que o Jornal do Bairro tinha mais circulação, hoje fazemos mais a versão digital. Ele (o jornal) ajudou a gente perceber que ter uma rádio aqui era fundamental”.

G. comenta que na época da implementação do Sítio Cercado-Bairro Novo, contribuiu na mobilização com a regularização da área, o que o fez ter uma posição privilegiada frente as organizações comunitárias. Ao perguntar como foi o processo de constituir a rádio comunitária ele vai disparando suas sentenças

Aqui tivemos que conversar com as igrejas, ninguém tem preconceito, vem os evangélico, vem os batista, os carismático, conversamos com todos e quem quiser pode ter seu programa [...] assim, tem no site do Ministério da Comunicação, o MC, daí procura rádios comunitárias e tem todos documento que precisa mandar [...] Curitiba tem quatro rádios e tem mais de 300 pedidos e não sai [...] porque não sai as rádios? Porque tem os político que tem as rádios, os grandão, as rádios comerciais, onde eles ganham e não deixa os pequeno crescer [...] nós somos pequenos mais nós temos uma grande população na mão [...] imagina, nós somos em 310 rádios dentro

do Paraná, nós temos nosso sindicato também, quando tem matéria importante a gente coloca no nosso site, e todo mundo fica sabendo [...] mas da rádio comunitária, não deixa nós cresce, não querem deixar. Nós crescemos junto [...] as rádios comerciais não deixa cresce, nós crescemos do outro lado da história, do lado do nosso povo, do povão mesmo e [...] como que monta uma rádio? É assim nessa parte formal né [...] da associação assim, tem que ter diretoria. Antes éramos uma associação de bairro, normal. Ah vão pedi uma, então vai, pede. A gente pediu (concessão). Daí a gente pediu [...] aí falaram, olha, não dá. Não pode uma associação de moradores. É uma associação exclusivamente para a rádio.

Daí tivemos que mudar estatuto da associação e por: “rádio comunitária” Só isso. Mais nada. O objetivo qual é? difusão de ideias, da cultura. Cultura o que que é? Música essas coisas, idéias, você tem uma idéia de melhorar a vida do povo? então você vem. A gente abre um espaço pra você falar, não precisa pagar nada [...] Precisa pagar pra manter a rádio. Mas aí é quem? Ah, então eu quero uma hora pra fazer meu programa, do jeito que eu quiser, dentro das normas, então tu vai pagar um x, para manter a rádio, porque o sinal é de graça, mas, o aluguel que se paga, a luz, a água, os equipamentos, não é de graça, então [...] tá na lei que a gente tem o direito de arrecadar dinheiro para manter a rádio [...] Uma rádio igual essa aqui [...] entorno de 4.500 reais por mês ela gasta. E num pensa que é só comprar os equipamentos e deixar aí. Não [...] vira obsoleto cada ano. Tem que trocar. E o transmissor, quando dá um raio, as vezes já queima, mais 3, 4mil reais e se queimar o transmissor. Uma vez queimou tudo [...] até o [...] levou um choque. tivemos que trocar tudo. Foi 12 mil. Então eu já acabei de falar que pra montar uma rádio com 12 mil você monta. Monta [...] sim os equipamentos. Agora a torre, só a torre são mais ou menos 10 mil reais pra montar, daí aquela antena.. a torre é só essa armação de metal, a antena mesmo... é aquela que tá lá em cima que manda o sinal [...] então a antena também cada dois anos tem que trocar, mais 800 à mil reais. Tem umas antenas que você vê pela propaganda, mas tem que comprar uma específica. Pra mandar o 98,3, que é a nossa frequência. (Entrevista com G., Novembro, 2015).

Em sua fala, G. comenta a existência de outras rádios comunitárias em Curitiba, o que em nossa pesquisa bibliográfica já apontou recentes iniciativas na Cidade Industrial de Curitiba, no Jardim Esperança (Pinheirinho) e no Boqueirão. Em sua pesquisa, Gonçalves (2007) relata que em pouco tempo estas rádios comunitárias foram sendo fechadas. No foco da investigação da autora estava a relação entre os dirigentes e seus perfis políticos e assim ela identificou grandes relações com partidos políticos e atividades de assessoria para vereadores de governos da época. Também mencionou os conflitos e a grande repressão que estas iniciativas de 2004 a 2007 receberam da Polícia Federal e ANATEL, seja pela não adoção das normas impostas na legislação ou simplesmente pela denúncia feita contra elas.

Sobre a relação com as rádios comerciais o sentimento foi visível durante o tempo permanecido na rádio, onde constatamos a esperança de alguns locutores em galgar espaços de programação em outras emissoras como também uma forte reivindicação para com o respeito a prática de outra comunicação e de denúncia na situação que está a radiodifusão comunitária em Curitiba. Alguns se manifestaram “Aqui na RBN, o programa que faço que puxa audiência. Depois dele cai novamente” (B., Locutor, março 2016). Outro faz a denúncia da realidade da rádio comunitária

“[...] nós estamos exprimidos pelas duas grandes maiores famílias de comunicação da cidade. Entre a família cunha pereira, que detém a 98 FM e a família Massa que detém a Rádio Massa... nós estamos na 98,3 no meio das duas [...]”. (Entrevista com J., abril, 2016).

E depois manifesta sua prática como importante e pouco reconhecida

“[...] porque eu saio daqui e vou pro centro. Eu vou vindo de ônibus a pauta que tá. Como eu falo: me tornei um ratão, aquele repórter ratão, de bairro e que fica fuçando. As vezes não sendo reconhecido pela grande mídia porque você acaba ficando né, um pouco isolado [...] mas a gente faz um trabalho, como é que fala, que é pão e água. A questão do jornalismo a gente sabe que é geral né [...] Mas é muito gratificante estar perto da comunidade, tá vendo a participação do bairro [...] porque hoje em dia o que acontece [...] as reportagens são muito de redação. O jornalista fica na redação e aí ele liga pro G. G. como é que tá aí no bairro novo? aí o G. fala: tá tudo bem, tudo tranquilo. Agora o jornalista saindo, as pessoas tão vendo como é que tá o bairro, como é que tá a limpeza a questão ali do ônibus né [...] e essa que é a grande bandeira que eu também optei, ser um repórter comunitário”. (Entrevista com J., abril, 2016).

Quando perguntamos a respeito das relações entre a rádio comunitária e o bairro<sup>3</sup>, J. já aponta uma delas que é a proximidade destes agentes que produzem e circulam determinada comunicação que as vezes não é dada tamanha importância.

“[...] por exemplo, a gente atendia os detentos por telefone, os parentes dos detentos aqui, e tinham algumas rádios na delegacia. Eles mandavam a mensagem e o rap.. porque o rap [...] o rap eles entendiam que é a cultura deles que falavam sobre o bairro deles sobre eles [...] a periferia ela vai ter mesmo hoje o sertanejo o rap, vai ter o funk né, tem que entender a vertente né, as vertentes culturais que acontece, mas eu falo dessa questão porque é importante pra gente e para todo mundo que está em volta da rádio que não se pode apenas tocar sertanejo ou gospel”. (Entrevista com J., abril de 2016).

Além da questão das informações jornalísticas do bairro, a produção e circulação cultural e o comércio são outros grandes pilares em que se é percebido no cotidiano da rádio e sua relação com o bairro. Js. e L., locutores, em seus programas, articulam a vinda de duplas sertanejas, cantores, escritoras e agentes culturais do Bairro Novo.

Js., por exemplo, promove e organiza shows sertanejos em casas de shows das vilas e bairros próximos e estabelecimentos parceiros da rádio. Além de locutor é cantor e músico. Ele faz parte de uma dupla sertaneja há 21 anos. Para ele “A rádio me ajuda nesse trabalho, ao mesmo tempo em que meu trabalho ajuda na divulgação da rádio. A gente gosta de ver o poeirão subir, ainda mais agora nas juninas” (Entrevista com J., Junho de 2016)

Já C., G. e M. ao nosso perceber, estão mais ligados aos chamados “apoios culturais” com os comerciantes e trabalhadores autônomos. A tarefa não parece ser fácil, sendo necessária uma grande paciência, ocasionando desabafos nesse processo de firmar as parcerias. “[...] quando conseguimos algum apoio cultural, precisamos *carregar no colo* o comerciante” (Entrevista com M., janeiro de

<sup>3</sup> A respeito dessa questão, auxiliou-se na aproximação de padarias comunitárias do Bairro Novo a Rádio comunitária nesse período.

2017). Para C., “Precisamos montar aqueles stands com equipamento de som e auxiliar o comércio na promoção dos seus produtos” (Entrevista com C., Janeiro de 2017). Suas práticas dentro da rádio além de seus programas estão no planejamento de ações publicitárias no bairro (para o bairro), por exemplo.

S., a única mulher do grupo, faz o programa intimista com o ouvinte, estabelecendo longos diálogos sobre temas cotidianos da casa, do bairro e de Curitiba. Com um toque romântico e com declarações de amor no meio de sua programação, é a única pessoa do grupo que percebemos envolver o público feminino. Para ela, “[...] a rádio precisa se mostrar ao lado do ouvinte, não podemos estar na frente.”.

No geral, todos parecem fazer um pouco de tudo na rádio e praticamente não há nenhum retorno financeiro direto pela atividade que a associação realiza, somente quando alguns dos locutores se utilizam da rádio para intermediar outros trabalhos. O que nos faz concordar que tais percepções sobre a rádio, seus proponentes, o cotidiano e as trajetórias e práticas espaciais visualizadas, vem ao encontro o que Ângelo Serpa (2011) caracterizou na relação entre lugar e mídia. Para o autor, as rádios comunitárias e livres, através do falar e do agir das pessoas que as constroem, potencialmente se constituem como lugares da produção da solidariedade e do acontecer político e cultural (SERPA, 2011). Suas trajetórias diferentes e suas aspirações entre o individual e o coletivo favorecem a fabricação de lugares.

Ao iniciar a caminhada pelas ruas da vizinhança e do bairro novo, munido de fichas de campo para orientar conversas, ouvido atento aos dizeres dos moradores e olhares para o percebido, algumas considerações são necessárias se fazer. Percorreu-se num raio de aproximadamente 500 metros por estabelecimentos comerciais como lan houses, distribuidoras de bebidas, restaurantes e lanchonetes, lojas de comércio de vestuário, bem como cabeleireiros, mercados e oficinas de manutenção mecânica e elétrica industrial e automobilística, principalmente na avenida São José dos Pinhais e suas transversais. Nesta vizinhança, estabelecemos conversas com os trabalhadores e trabalhadoras destes estabelecimentos, bem como com os representantes destes comércios, assim como conversamos com alguns moradores.

A respeito deste espaço percorrido no bairro, há majoritariamente um conhecimento geral pela Rádio Comunitária, poucos não sabem onde ela fica e muitos sabem e já inclusive estiveram no estúdio dando entrevistas, pedindo músicas ou firmando parcerias (apoio cultural) para promover seu comércio. Ao perguntar se atualmente tem ouvido a rádio, poucos demonstraram estar ouvindo, optando em ouvir outras rádios, como a Clube FM.

Percorreu-se, também no bairro, por algumas casas de moradores e o que se percebeu é que em grande parte destes, mulheres e homens de idade acima dos 45 anos, tem ou já tiveram fortes

ligações com a rádio comunitária, seja pelo conteúdo transmitido por antigos locutores<sup>4</sup>, pelas atividades realizadas pela rádio ou, pela figura do antigo presidente da rádio, G.

M, sobre o público ouvinte da rádio acrescenta “O povo tá tudo no whatsapp e no facebook, então temos que alcançá-los lá também!”. O atual presidente e filho de G. disse que antes de assumir a diretoria da rádio já foi conselheiro tutelar do bairro e essa experiência lhe deu capacidade de lidar com o público e de realizar conversas sérias sobre a gestão da rádio.

Nosso bairro é carente de cultura. Aqui, como somos vistos só em época de eleições, a cultura poderia ser bem mais investida, e qualquer corte em gastos, a cultura é a primeira a diminuir. Quando temos oportunidade, realizamos parcerias com a administração regional em atividades culturais. Nós sempre replicamos alguma notícia ou informe na área da cultura, da saúde e da educação, principalmente. (Entrevista com M., dezembro 2016).

Notando determinadas carências de interpretação do próprio bairro, sua configuração, como também na relação da rádio com o bairro, voltamo-nos aos estudos e ao trabalho de campo por outras vias. Procuramos por documentos, relatos e trabalhos por meio do Centro de documentação Maria Vallauri<sup>5</sup> e por meio de educadores que já trabalharam no apoio com movimentos populares e acompanharam a história de formação do que hoje se chama Bairro Novo.

Se o centro e a região norte estavam sendo alvos de intervenções urbanísticas para a promoção de uma determinada “qualidade de vida”, as extremidades oeste e sul da cidade haviam ganhado o status de regiões que mudariam a “face da economia urbana, assegurando o desenvolvimento da capital” (OLIVEIRA, 2000. p. 52), com a implantação da Cidade Industrial de Curitiba, as mudanças nas vias urbanas que ligavam estas regiões ao centro mudavam “em favor de um maior adensamento” (ibidem, p.53).

Segundo Silva (2014), esse adensamento era construído a partir de uma periferia autoconstruída, no período entre 1970 e final de 1980. Tendo como característica o “crescimento e a concentração das favelas, bem como da produção habitacional financiada pelo Estado no Município de Curitiba.” (p.232).

Esse período lembra Neves (2000), foi o período de maior expressão das associações de moradores. “Foram essas associações que desenvolveram uma expressiva resistência contra a repressão do poder público local devido às ocupações de áreas públicas e particulares” (p.60). O autor comenta as inúmeras situações de amedrontamento e expulsão de moradores para impedir o crescimento das favelas, para o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) então realizar uma proposta de desfavelamento na cidade (NEVES, 2000).

<sup>4</sup> Nas conversações com moradores, lembranças de atuais locutores-pastores que hoje estão em rádios comerciais-evangélicas do circuito FM de Curitiba que passaram pela Rádio Bairro Novo.

<sup>5</sup> O Centro de documentação Maria Vallauri é uma biblioteca popular organizada pelo CEFURIA com uma grande quantidade de documentos sobre a história e formação de movimentos sociais e populares de Curitiba, Região e do Brasil <http://www.cefuria.org.br/cedoc-mara-vallauri/>.

Para o referido autor, “O início dessas associações se dá pela resistência e mobilização dos moradores para garantir a posse da área ocupada. Após essa organização, várias outras áreas são ocupadas” (ibidem, p.65). Esse é o contexto da organização Xapinhal (Organização das Associações de Moradores do Xaxim, Pinheirinho e Boqueirão) e que em nosso trabalho de campo foi de grande importância, pois foi a partir dela que construímos uma interpretação de contraponto ao discurso institucional proveniente do IPPUC, COHAB (Companhia de Habitação) e infelizmente de grande parte das pesquisas sobre a constituição da região sul<sup>6</sup>.

Ao compreender minimamente esse conflito, partimos para a coleta de entrevistas e relatos de pessoas e organizações que construíram esse período de lutas pela moradia, procurando criar um elo entre esse processo de conflito e a proposta de constituir uma rádio comunitária. Encontramos A., educador, morador e ex-integrante da organização Xapinhal, que nos contou sob a perspectiva do movimento por moradia o cenário da questão habitacional. Brevemente ele comenta:

“[...] a primeira luta nossa do Xapinhal começou em 1986 e a ocupação foi em 1988, final de 1988 [...] e depois da ocupação do Xapinhal nós esperávamos que a prefeitura de Curitiba nos desse mais credibilidade, topasse fazer um projeto de moradias populares junto com a gente [...] e a prefeitura não topou. Por isso em 91 ocupamos de volta [...] Foi daí que ocupamos 23 de agosto [...] E naquele ano além da nossa ocupação 23 de agosto aí houve a ocupação do Xapinhal, no dia 25 de dezembro. Do Jardim Natal, quer dizer [...] e ferrovia, campo cerrado e muitas outras [...] então em 1991 12 mil famílias ocuparam terras na cidade, foi aí que o Jaime Lerner chamou o movimento para conversar, aí é.. na conversa o que nós dissemos para ele: se tiver algum programa que atenda população de baixa renda, não aconteceria mais ocupação. Ninguém vai pra ocupação por achar bonito [...] e o que falta é programa para famílias de baixa renda e foi aí que ele decidiu desapropriar o Bairro Novo [...] foi 4 milhões e 500 mil metros quadrados. Um projeto de 20mil apartamentos e 10mil lotes. Isso atendeu num primeiro momento a demanda reprimida da população de baixa renda [...] por isso cessou as ocupações de Curitiba [...] Eu continuo dizendo, o movimento de moradia, final da década de 80, início da década de 90, criou um impacto muito grande no mercado imobiliário em Curitiba [...] Você imagina 12 mil famílias que ocupou terras, desocupando casas em que moravam (aluguel), depois um projeto com mais 30 mil unidades, num primeiro momento porque depois teve mais, isso então significa que foi jogado no mercado mais de 40 mil unidades, dentro de 2 anos mais ou menos né? [...] Então isso significa que deu impacto muito grande no mercado imobiliário em Curitiba [...] Eu defendo que isso foi do movimento de moradia em Curitiba, do movimento social que fez com que alterasse a correlação de forças na questão imobiliária em Curitiba”. (Entrevista com A., janeiro 2017).

Ao constatar, através do estudo de Albuquerque (2007) sobre a ausência da questão habitacional na produção da imagem de “cidade-modelo”, em relação ao Bairro Novo ela comenta com base nas fontes institucionais

---

<sup>6</sup> Com exceção das pessoas entrevistadas das associações de moradores que levam consigo a história da região em época de ocupação, suas dificuldades, estratégias e as conquistas hoje materializadas, poucos moradores(as) do bairro novo e região em nossos questionários de campo, ou ouvintes e comerciantes do Bairros que nutrem alguma relação com a Rádio Comunitária Bairro Novo relataram algum acontecido ou episódio histórico que remetesse ao período das ocupações na área.

Ao procurarmos registros oficiais do Projeto Sítio Cercado, também chamado Bairro Novo, encontramos, em relação à data de sua implantação, documentos que afirmam que a ocupação do Bairro Novo teve início no ano de 1989 (IPPUC) e outros documentos que colocam que o projeto foi concebido em 1990 (COHAB-CT). Por sua vez o projeto, chamado “Projeto Sítio Cercado” que define as diretrizes de ocupação da área que mais tarde será conhecida por Bairro Novo, é datado de junho de 1991. Consideramos esse projeto relevante na política habitacional de Curitiba porque ele se constitui na última grande intervenção do Município no setor da habitação desde a década de 1990. Após a implantação desse projeto, as ações da Prefeitura Municipal tenderam a se concentrar nos processos de urbanização e regularização fundiária e na promoção de loteamentos populares via parceria com a iniciativa privada (p. 92).

A região deste novo projeto habitacional, era uma região ainda denominada pelo município como rural, o que corrobora com a mudança das diretrizes da instituição e também com a percepção de Silva (2014), que caracteriza que a produção de espaços informais de moradia no final da década de 1980 se faz no crescimento de domicílios juntamente com os setores de comércio e serviços, não mais nos entornos da cidade industrial. Criando assim sub-centros, com administrações regionais da prefeitura e um grau de autonomia e independência política.

Com o relato de A., que demonstra a complexidade e fragilidade do conflito, e sua posição enquanto um dos articuladores do movimento por moradia, buscamos em seguida famílias e pessoas que participam ainda das associações de moradores e estiveram presentes durante este processo de organização do movimento por moradia e das ações de ocupações (ver figura 01). Nossa inquietação pairava na maneira em que a organização do movimento realizava processos de comunicação, buscando dar visibilidade ao que mencionamos no terceiro capítulo, no que Festa (1986) discutiu sobre os níveis da comunicação popular e de que maneira estas práticas espaciais conduziram as conquistas do movimento.

**Figura 01** - Trecho de notícia sobre a regularização das ocupações.



Fonte: Adaptado de Fernandes (2015).

Por intermédio de A., encontramos V. Na manhã do dia 04 de Fevereiro de 2017, percorremos até o Bairro Ganchinho, no Sítio Cercado/Bairro Novo para conversar com V., liderança do bairro, mãe e padreira de uma padaria comunitária da região. Ao me apresentar, comentei a maneira que cheguei a ela, através da pesquisa que venho fazendo sobre a comunicação e a questão da moradia, muito presente em Curitiba. Comentei sobre o A., que havia me passado o contato dela. V. puxou duas cadeiras na sala vazia da associação e então comentou que não havia participado de um movimento até sua vinda para Curitiba. A nossa conversa e o seu relato, de maneira simples, percorreu a história de vida dela paralelamente com a trajetória do movimento de moradia e da Associação 23 de Agosto.

Em São Paulo, na capital, onde morava na década de 1980, só havia água de poço e teve algumas vezes que alguns animais entravam no poço e ficavam lá. Morriam, apodreciam. A gente sentia o cheiro quando abria a nossa torneira, mas não conseguíamos tirar os animais mortos de lá. Eu tentava falar com o presidente da associação, para pedir para a SABESP a água encanada, mas ele dizia que não havia jeito. Foi aí que eu sozinha fiz um abaixo assinado, a mão mesmo, e fui passando de casa em casa. Juntei e enviei para a SABESP (empresa pública de saneamento de SP). Não demorou muito e eles me retornaram falando que já conheciam a realidade e os casos de intoxicação e doenças. Eles fizeram um estudo e começaram a implantar a rede de água para o bairro lá. Essa foi a minha primeira experiência de fazer um movimento. Quando me mudei para Curitiba, morava no Bairro Xaxim. Morava de aluguel. Nossa maior preocupação era pagar o aluguel. Depois de pagar gente via como conseguir comida e as outras coisas. Foi na Paróquia de São Pedro que tomei conhecimento da organização Xapinhal e da luta já começada pelo pessoal e pelo apoio da Paróquia, do CEFURIA, das pastorais e das CEB's. A gente foi convidado por uma amiga e eu de primeiro achei que ia dar em nada. Mas ela me provocou: “- ou você participa das reuniões, e isso demora, ou você continua a pagar o aluguel e fica parada”. Aí eu comecei a participar das reuniões (risos). (Entrevista com V., Fevereiro, 2017)

Compreendendo os níveis da comunicação popular no âmbito do movimento, nossa conversa se desenvolveu no sentido de dar visibilidade à maneira que foi construído o processo das ocupações. Para nós, compreender esse momento de formação desta prática é entender a maneira que a comunicação popular teve sua importância antes, durante e depois do ato propriamente dito.

As reuniões que se davam, era ou na sede do Xapinhal ou na Paróquia. Eram mensais no início. Com o aumento do pessoal, se tornaram quinzenais. Nesse momento demos início as comissões, onde cada grupo tinha algumas responsabilidades, uma comissão ficava sempre de olho nos jornais sobre as notícias de programas habitacionais, outro grupo tentava um diálogo com o prefeito, na época era o Lerner, ele era muito ruim, em nenhum momento recebeu a gente. E outro grupo começou a olhar terrenos e ver quais eram os proprietários. Na região aqui era bem plano e praticamente só tinha grama e

aqueles matos rasinhos sabe? [...] Foi quando as reuniões começaram a ser semanais e só ia o povo que queria sair do aluguel, como eu. Estávamos em mais de 300 famílias. A gente já sabia que esperar do governo os programas de habitação para famílias de baixa renda não existiam, não ia vir. Foi então, um mês antes mais ou menos de 23 de agosto, o dia que a gente ocupou este terreno aqui que já tínhamos um comum acordo: Os representantes dos grupos e das famílias que não voltarem para suas casas porque naquele dia iria ocorrer a ocupação. Era o sinal. Eu tratei de ir à imobiliária e não renovar o contrato. As atendentes me alertaram que eu estava me arriscando, mas eu sabia que era um direito que eu estava buscando. (Entrevista com V., Fevereiro, 2017).

Pode-se visualizar que a prática organizativa no seio do movimento por moradia, só poderia existir se houvesse um aumento de comunicação e que os grupos ou comissões só poderiam ter êxito se soubessem o que deveria ser feito. Na fala de V. não está explícito, mas é perceptível que o aumento da periodicidade e de encontro das pessoas nos espaços relatados, demarca o interesse pelo objetivo comum. Esse movimento de cada família/pessoa tecia toda uma rede de solidariedade que é aos olhos das pessoas mais distantes, praticamente invisível. Essa rede era tecida na formalidade das reuniões, no encontro das comissões ou grupos de cada tema sobre o movimento discutido, formado e apresentado a percepção de cada pessoa como também na informalidade quando as famílias e pessoas contatavam e informavam outras pessoas sobre as ações que o movimento estavam tomando e assim agregando mais famílias. Nos dois exemplos, eram praticados grande parte dos fundamentos da educação popular, o principal era a denúncia da realidade e o anúncio de uma proposta coletiva (FREIRE, 1967).

Partindo para o processo da ocupação

Foi na madrugada do dia 23 de agosto que as famílias chegaram neste terreno. Já tinha sido previamente discutido da questão dos lotes, que seriam sorteados bem depois, e que o momento inicial era de muita atenção e união. Todas as famílias trouxeram materiais para a construção dos barracos. O terreno que ocupamos, parte era do CR Almeida e esse sujeito é demais de invocado. No início da manhã já apareceram tratores para derrubar nossos barracos [...] (pausa para respirar e um quase choro). Ficamos firmes, fizemos um cordão e os homens com os tratores tentavam nos convencer a sair da frente. Tivemos muita sorte porque tínhamos padres e o bispo daqui a época também foi lá interceder por todos nós [...] Depois que eles foram embora a gente começou a medir os lotes, colocar os piquetes né? [...] tinha um grupo que ficou de trazer os canos de água e aí fizemos 3 torneiras lá no topo pra pegar água, depois puxamos os canos para as casas. Dava o horário que o pessoal voltava do trabalho na minha casinha não caía nenhuma gota, porque todo mundo tava usando. Ainda era bem precário. A ligação de luz nas primeiras semanas foi difícil, porque sempre a COPEL cortava e a gente ia lá e religava, até um momento que eles desistiram. Dessas partes eu só te falo o que eu via, porque não participei, foram mais outras pessoas, mas o que tivemos como trabalho era a cozinha comunitária e a creche comunitária [...] Tinha muita criança, a linha de ônibus terminava uns 3 km daqui, então tinha que ir andando. Daí a gente começava a pressionar para ter asfalto e linha de ônibus até aqui. Demorou, mas conseguimos. (Entrevista com V., Fevereiro, 2017).

Por fim, ela arremata:

O Bairro Novo, ou o projeto Sítio Cercado, foi inspirado aqui no 23 de agosto, que agora chama Ganchinho, e na ocupação do Xapinhal, apesar de eles não terem dado a referência. Nossa vila e associação continuam sendo chamada de 23 de agosto, o nosso dia. (Entrevista com V., Fevereiro, 2017).

Ao relatar essa outra etapa do movimento por moradia que era a pressão popular cobrando pela infraestrutura básica, V. comenta a inserção de representantes do movimento em conselhos, como o conselho tutelar, fazendo com que sua trajetória cruzasse com a trajetória de M., um dos diretores da Rádio Comunitária Bairro Novo e filho de G.

V. comenta que a sua entrada ao conselho tutelar se deu pela saída de M. Segundo ela, M. não estava realizando as atividades de um conselheiro tutelar e faltava nos dias mais importantes para acompanhamento de casos de violência doméstica de crianças que no bairro estavam sofrendo, por exemplo. Ao perguntar para V. sobre seu conhecimento de M., G.e a Rádio Comunitária, ela comenta que não só os dois, mas outros parentes da família já foram beneficiados pela prefeitura e a administração da regional do Bairro Novo, com cargos comissionados e privilégios.

Quando conversamos com A. sobre qual a relação do movimento por moradia com a Rádio Bairro Novo e seus locutores, ele logo se recordou de G.

“[...] o G. sempre teve em torno do movimento.. mas aquela liderança que esta sempre próxima do poder... ele sempre esteve do lado de quem esta no poder [...] Não é uma pessoa que tem uma posição ao lado do trabalhador [...] sempre tentou tirar proveito. Tinha o jornal do bairro, depois a rádio [...] e sempre teve nesse campo, sabe? (Entrevista com A. G., Janeiro 2017).

Somando tais considerações com nossa observação no cotidiano da rádio, parecem ficar visíveis algumas relações assimétricas estabelecidas. Ao questionar sobre quando acontecem às reuniões, alguns locutores relataram que não há reuniões e sim conversas em momentos antes e depois de cada programa ou em outras oportunidades. Já M., afirma ter reuniões e que alguns locutores não aparecem, pois para ele:

“[...] são pessoas que não se fixam, uma semana estão aqui, outra semana não, daí voltam [...] com essas pessoas fica difícil contar. Eles não entendem quando apresentamos as contas da rádio e falamos que cada um tem que colaborar com 300, 400 reais, sabe? Tem internet, tem o site, tem pessoas que deixam a rádio online, no ar, tem água, luz, sem contar as multas, sanções e custos que o Ministério das Comunicações já enviou para nós”. (Entrevista com M., Janeiro 2017).

Compreendendo os níveis da comunicação popular, que se dão no âmbito dos movimentos populares, as realidades das associações de moradores e a constituição de veículos de informações com objetivo de envolver e alcançar essa população, a escala da comunidade que pretensamente a rádio comunitária Bairro Novo se insere/constrói, está imbricada em, no mínimo, outras cinco escalas que se pode conceber enquanto espaços de conflitos e de produção intensa de política cotidiana:

primeiramente a escala da rádio comunitária, onde é o lugar privilegiado de produção (e/ou de elucubração) de alternativas políticas, culturais e sociais entre seus integrantes. Aqui encontramos uma grande potencialidade no falar e no agir de cada entrevistado, no entanto os conflitos aqui são mais invisíveis e o exercício de poder pode esvaziar a escala ou deixá-la inerte. A escala da vizinhança e a escala do bairro são espaços produzidos onde os conflitos que estão latentes na escala interna da rádio parecem vir a tona, ou seja, é onde o projeto individual de cada um tenta se sobrepor ao projeto do outro e a figura do presidente ou da diretoria se sobrepõem aos demais. Também é a escala onde a solidariedade e a multiplicidade podem ser mais bem percebidas, através das articulações e das práticas de outra comunicação. A dinâmica ascendente de informações, a participação de ouvintes ativos na programação, os movimentos de músicos locais e os movimentos de outros agentes. Todos estes elementos introduzem um movimento de constituição de uma identidade do bairro, marcando um elemento espacial de apropriação, no sentido simbólico e físico. No entanto, ao mesmo tempo em que essas duas escalas dialogam entre - si e com a escala da rádio comunitária, a realidade de cada entrevistado, cada morador ou trabalhador da vizinhança que estabelecemos conversações, sobre o bairro e sobre seu cotidiano a preocupação esta na sobrevivência financeira de cada um e também na atmosfera de violência, crimes e medo que é construído nas periferias. A isso muitos caracterizam como fragmentação ou alienação. Em especial ao bairro e a vizinhança, Souza (2014) conceitua como a “[...] nítida fragmentação do tecido sociopolítico-espacial da cidade, a atomização dos indivíduos, o declínio ou abandono dos espaços públicos e o refúgio n[a] vida privada”. (p.158-159). Nota-se, assim como bem observou Nola Gamalho e Álvaro Heidrich (2006) no espaço privado (vida privada) é o lugar da intimidade, da privacidade. E bem nesse lugar é que o diálogo sobre o espaço público parece sofrer dificuldades. Para os autores

As transmissões feitas pela mídia são realizadas no espaço privado, mas tem como finalidade à abrangência pública. Em contrapartida, o público tornou-se privado, porque a notícia que tem caráter de ser pública tem sua recepção no espaço privado, o lar. O que deveria ser coletivo tornou-se individual devido à separação entre a comunicação e a ação política, pois o indivíduo politicamente ativo tornou-se um receptor passivo. Neste contexto, a mídia torna-se a mediadora da informação, não sendo mais necessária a presença física dos sujeitos para dar conotação de cenário público. (GAMALHO ; HEIDRICH, 2006. p.167).

Parte do processo de alienação, caracterizado pelo monopólio e manipulação das informações contribuem grandiosamente na transformação do cidadão em espectador. Tal capacidade de selecionar moldar e dirigir informação é instrumento de poder. Linguagem, uso do lúdico, do emocional, de códigos sociais são elementos deste instrumento. O possível rompimento dessa fragmentação/alienação é perceptível na escala da regional, da administração regional, ou da região, onde o conflito e a convivência com o poder público é mediada somente em épocas de campanhas provenientes da prefeitura. De um lado a rádio comunitária apóia e promove atividades públicas para a

diversidade dos segmentos populacionais em equipamentos públicos quando a parceria é estabelecida, no entanto essa parceria é fragilizada ou é posta em troca com favores políticos com os dirigentes e locutores da rádio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adotarmos outras posturas metodológicas, como a observação participante e a pesquisa ação, diversas dificuldades e possibilidades se abriam no tempo de realização deste trabalho, como por exemplo a elaboração de fontes primárias da pesquisa, como a escrita de memórias de reuniões, as conversações, as entrevistas em profundidade e as entrevistas episódicas. Também, o retorno e reflexão para os envolvidos(as) com a pesquisa em desenvolvimento foi fundamental, emergindo a questão das práticas espaciais realizadas pela juventude enquanto um fator relevante para a sua ampliação da territorialização. A discussão de metodologia não se deu linearmente e assim surgiram dificuldades entre o tempo-pesquisa e o tempo-escrita.

Nos trabalhos de campo apontou-se que na escala do espaço urbano, há uma invisibilidade de processos e movimentos diversos, a partir da comunicação popular, que conformam uma espécie de circuito inferior, nas produções de um outro espaço urbano. Esse espaço produzido cotidianamente é rico em multiplicidade, proporcionando diferentes práticas espaciais potencialmente transformadoras. Ao mesmo tempo, os sujeitos que cotidianamente estão envolvidos (direta ou indiretamente) em projetos de comunicação popular são alvos das políticas de geração de conflitos, por diversas formas, sendo a mais contundente a política de segurança pública.

Se a concepção preconizada por Milton Santos de uma outra globalização a partir de um uso cidadão das tecnologias e se com esse uso outro espaço poderia ser construído ascendentemente, compreende-se assim a enorme importância dos lugares. No entanto ao aumentar o foco para os lugares e o espaço urbano, e assim para a produção destes, como em nossa pesquisa apresentamos, é nítido perceber as dificuldades do cotidiano desta produção e das próprias trajetórias dos sujeitos.

A Rádio Comunitária Bairro Novo, como percebeu-se é uma iniciativa de comunicação popular que teve como pano de fundo os conflitos fundiários e seu objetivo é promover a cultura e o comércio. Ao longo da pesquisa, a construção de uma interpretação da realidade desta Rádio e de seus integrantes, compreendeu-se que uma outra comunicação é realizada fortalecendo artistas e promovendo iniciativas sociais das quais contribuem para uma identidade do bairro. Porém, ao analisar as escalas envolvidas, essa outra comunicação é marcada por assimetrias de poder nas relações entre radialistas, vizinhança, bairro e instituições do poder público, demonstrando claramente suas dificuldades e seus limites.

Contudo, são espaços e sujeitos diferentes, e com isso as variações de comunicação popular são também, no entanto há traços comuns, que as gerações mais novas hoje as ressignificam a partir das suas identidades espaciais. É através destas identidades que as práticas espaciais concentram-se.

Compreender esses ‘traços’ da comunicação popular que são construídos e as novas formas de comunicação com objetivos coletivos de emancipação é preponderante tanto para a universidade quanto para a sociedade. Este movimento de perceber, auxiliar, mediar e debater considerou-se um processo de visibilidade desta outra comunicação.

Encontra-se ao fim muitas questões abertas para reflexão, das quais enuncia-se a importância da constituição de iniciativas de comunicação popular enquanto prática de potencializar a produção de espaços amplos e fecundos. A dificuldade paira na questão da simultaneidade das práticas e trajetórias.

### Referências

ALBUQUERQUE, Aline. *A questão habitacional em Curitiba: o enigma da “cidade-modelo”*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

ALVES, Cristiano Nunes. *O Circuito Sonoro: Radiodifusão FM e Produção Fonográfica em Campinas SP*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

CARLOS, Ana Fani A. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur Edições. 2007.

CML, Centro de medios libres. *Toma los medios, sé los medios, haz los medios! Compilación de artículos históricos, teóricos y manuales sobre medios libres*. México: El Rebozo, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Corporação, práticas espaciais e gestão do território*. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro. IBGE, 1992. p. 115-121.

DICK, Bob. *Como conduzir e relatar a pesquisa-ação*. In: RICHARDSON, Roberto J. (Org.). *Pesquisa-Ação: Princípios e Métodos*. João Pessoa. Editora UFPB, 2003.

FALS BORDA, Orlando. *Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel na participação popular*. In: BRANDAO, Carlos (org.). *Pesquisa Participante*. Brasília: Editora Brasiliense. 1981.

FESTA, Regina. *Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa*. In: FESTA, Regina. SILVA, Carlos E (orgs.). *Comunicação Popular e Alternativa no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1986. p.9-30

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. 10ª ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

GAJARDO, Marcela. *Pesquisa participante na América latina*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1986.

GAMALHO, Nola; HEIDRICH, Alvaro. *Rádio 88.1 – Restinga FM: A Radiodifusão Comunitária como movimento social*. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre, No 31: 165-181, out. 2006.

GOMES, Paulo C. *Um lugar para a Geografia: Contra o simples, o banal e o doutrinário*. In: MENDONÇA, Francisco; LOWEN-SAHR, Cicilian, SILVA, Márcia (orgs.). Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba, ADEMADAN, 2009. p.13-30.

GONÇALVES, Aline. *O perfil político dos dirigentes de rádios comunitárias de Curitiba e região metropolitana*. 2007. Monografia (Especialização em Sociologia Política). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

NEVES, Lafaiete. *Movimento Popular e Transporte Coletivo em Curitiba (1970-1990)*. Editora Gráfica Popular: CEFURIA. Curitiba, 2000.

OLIVEIRA, Dennison. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 9 ed. São Paulo: Editora Record. 2006.

SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves. 1979.

SERPA, Ângelo. *Lugar e Mídia*. São Paulo. Contexto, 2011.

SILVA, madianita Nunes da. *A dinâmica de produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização de Curitiba*. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SOUZA, Marcelo L. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Socio-Espacial*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil: 2013

## **SOBRE OS AUTORES**

**Adilar Antonio Cigolini** - Formado em geografia na UFPR ano de 1996. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano pela UFSC onde defendeu, no ano de 1999, a dissertação de mestrado tendo como tema a criação de municípios no Paraná. Doutor em Geografia no ano, 2009 quando defendeu na UFSC, a tese de doutorado com o tema território e criação de municípios no Brasil. Atualmente é professor do departamento de geografia da UFPR onde desenvolve trabalhos predominantemente na área de geografia Política.

E-mail: [adilar@ufpr.br](mailto:adilar@ufpr.br)

**André Souza Fedel** - Geógrafo UEPG (2014), Mestre em Geografia UFPR (2017). Educador Popular no Centro de Educação Popular CEFURIA (2015-2017) Educador Popular na Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural -ASSESOAR (2017 atual).

E-mail: [drefedel@gmail.com](mailto:drefedel@gmail.com)